

ISABEL LOUREIRO*

ROSA LUXEMBURG E A ARTE DA POLÍTICA¹

Frigga Haug, uma das mais importantes feministas alemãs da atualidade, reúne neste livro ensaios dos últimos 20 anos sobre Rosa Luxemburg, revistos e complementados com novas questões suscitadas pelo desenvolvimento do capitalismo globalizado. O livro é polêmico e tem como objetivo contribuir para uma política de esquerda a partir das idéias de Luxemburg, atualizadas com reflexões sobre Gramsci, Lukács, Peter Weiss, entre outros.

A autora constrói sua interpretação polemizando com a recepção alemã de Luxemburg, que mudou segundo a conjuntura de cada época. Ela recupera essa história, opondo-se corretamente à idéia de que Rosa teria *superestimado as massas trabalhadoras* e, sobretudo, à ênfase em uma Rosa quase liberal, unilateralmente *defensora da “liberdade dos que pensam de maneira diferente”*. Neste ponto, investe enfaticamente contra a leitura equivocada de Hannah Arendt, de uma Rosa republicana e quase não-marxista, alter ego da própria Arendt, que fez sucesso depois da derrocada dos países comunistas.

Contra essa recepção, Frigga Haug propõe sua interpretação da obra política de Luxemburg, que pode ser resumida em dois eixos:

1. Rosa Luxemburg como *teórica* da política. A autora lembra que Rosa foi elogiada por marxistas como Lênin, Mehring, Lukács como a melhor continuadora da obra de Marx em termos metodológicos. Este aspecto é desenvolvido sobretudo no capítulo 4.

2. Rosa Luxemburg como *política*. A esquerda tradicional tinha dificuldade em digeri-la porque, diferentemente da maioria do movimento operário, unia a política quotidiana com uma perspectiva teórica abrangente. Segundo Frigga Haug, o modo como Rosa encaminhou essa questão pode contribuir para uma política de esquerda hoje.

Nesse sentido começa com uma reflexão interessante e original sobre a contribuição de Rosa para a questão feminina. Como se sabe, Rosa era

* Membro do Comitê editorial de Crítica Marxista.

¹ Frigga Haug, *Rosa Luxemburg und die Kunst der Politik*, Hamburgo, Argument Verlag, 2007, 234 p.

socialista, mas não feminista, no sentido estrito da palavra. Numa obra de cerca de 4 mil páginas, apenas 13 são dedicadas às mulheres. Qual seria então sua contribuição para o movimento feminista?

A idéia básica de Luxemburg, apontada pela maioria dos comentadores e endossada por Frigga Haug, é a de que as massas populares aprendem com a própria *experiência*, se auto-educam pela ação. Peter Weiss, ao dizer que “se não nos libertarmos a nós mesmos/as, a libertação não terá conseqüências para nós”, lançou uma idéia útil à política das mulheres. A escola onde se aprende – massas e mulheres – chama-se prática: “aprender com a *experiência* deve ser um fundamento essencial da auto-determinação política” (p.49).

Rosa Luxemburg chamava a essa maneira de fazer política “*Realpolitik* revolucionária”. A autora vê neste conceito sugestivo forjado por Luxemburg num artigo de 1903, escrito por ocasião dos 20 anos da morte de Marx, uma espécie de fio vermelho que percorre toda a reflexão da revolucionária polonesa e que sintetiza sua concepção de política socialista: o que é factível aqui e agora só faz sentido numa perspectiva revolucionária. Com esse conceito enfatiza que Luxemburg tem em mente uma “revolução intelectual nas massas”, no sentido gramsciano de construção da hegemonia. Ou seja, é preciso contar com os sujeitos dominados, pois sem eles não é possível a mudança radical da sociedade. Segundo Luxemburg, “É preciso fazer política no capitalismo com o ‘proletariado dominado e não com o proletariado vitorioso”.

Frigga Haug desmonta de maneira convincente o chavão interpretativo segundo o qual Luxemburg superestima as massas, mostrando que encontramos em seus escritos tanto a esperança de que as massas impeçam a barbárie, quanto a constatação da sua estupidez, do seu embrutecimento. Entre uma coisa e outra existe um processo de aprendizagem, um movimento para a auto-transformação, que é necessário, mas não garantido.

Massa, para Luxemburg, não é um conceito fixo. As massas estão sempre em movimento. É porque as massas, integradas na sociedade capitalista, não atingiram a maturidade, que a realização da revolução e do socialismo depende do próprio processo de maturação dessas massas despolitizadas. O meio para isso é justamente a *experiência*. E Frigga Haug

põe o dedo na ferida ao apontar que a interpretação equivocada de superestimação das massas é na verdade o reverso de uma idéia central em Rosa, a *relativização do partido e da liderança*. Quanto a isso não há nenhuma ambigüidade: a direção deve estar a serviço das massas, não o contrário.

A interpretação de Frigga Haug organiza-se basicamente em torno da idéia de que Rosa é uma marxista dialética, o que pode parecer óbvio mas não é. E não é, porque grande parte dos comentadores não captou as “nuances dialéticas” que são “fundamentais no marxismo de Luxemburg e que determinam sua concepção de história” (p.142). A fim de desenvolver essa idéia, ela analisa, no quinto capítulo, temas como parlamentarismo, revolução, democracia e ditadura do proletariado, o papel dos intelectuais, a política no plano cultural, para concluir que a renovação do marxismo no plano político requer justamente uma perspectiva dialética que ligue Luxemburg e Gramsci. Assim, Luxemburg pode ser lida a partir de Gramsci como uma intelectual orgânica que revelou os problemas da política socialista até hoje, mas que, por sua vez, deixou muitas lacunas no tocante aos problemas estratégicos.

Isso se refere em particular à questão cultural, à definição teórico-política dos intelectuais, da hegemonia, do Estado e à análise dos sujeitos que, integrados na sociedade burguesa, precisam, para se libertar, de algo mais que esclarecimento e consciência. “Gramsci trabalha em todos estes pontos de uma maneira que pode ser compreendida, não como ruptura com Luxemburg, mas como continuação do pensamento de Luxemburg e de sua arte da política. Assim sendo, este livro também deve ser entendido como um discurso, tanto a favor do estudo rigoroso de Luxemburg e de com ela aprender, quanto, em conexão com isso, a favor da tarefa de incorporar Gramsci. Para a renovação do marxismo no plano político não há nada melhor.” (p.180)

Além disso, como Frigga Haug não hesita em criticar certos traços dogmáticos da concepção de história de Luxemburg, o livro é também neste aspecto uma contribuição a um pensamento marxista renovado. Tal como Luxemburg não considerava que Marx sempre tivesse razão, e com grande independência de espírito, rara na tradição marxista, não hesitasse em criticá-lo, também Frigga Haug rejeita a idéia absurdamente dogmática, que a jovem Rosa diz estar em Marx, de recusa da pesquisa empírica, porque ele teria feito uma dedução *a priori* do socialismo. A esse “rígido dogmatismo” Haug

contrapõe o procedimento crítico adotado em *A acumulação do capital*, onde Luxemburg recorre fartamente aos dados empíricos: a dialética entre teoria e empiria é que a leva a construir uma teoria do imperialismo ainda hoje atual.

É neste ponto que a interpretação de Frigga Haug, a nosso ver, teria sido mais bem sucedida se ela tivesse feito uma abordagem histórica do pensamento de Luxemburg, ao invés de considerar as várias fases da sua obra como uma coisa só. Dito muito sucintamente: a jovem Rosa era marxista dogmática, influenciada, como a maioria dos militantes do movimento operário, pela ortodoxia de Kautsky. Com a revolução russa de 1905, esse dogmatismo vai se atenuando, e em 1914, com a guerra, passa definitivamente a segundo plano. É a interpretação de Michael Löwy. Este considera que a palavra de ordem *socialismo ou barbárie*, adotada por Rosa em *A crise da social-democracia* (1916), revela que a partir dessa época o socialismo é para ela uma possibilidade entre outras, não estando mais garantido de antemão pelo curso inexorável da história. O fim socialista deixa de ser resultado de uma dedução *a priori*, independente do movimento revolucionário, tal como aparece em textos anteriores a 1905. Meios e fins se condicionam reciprocamente.

Apesar desta ressalva, o livro nos interessa, entre outras razões, por apresentar a recepção alemã de Rosa, diferente da brasileira. Os “luxemburgistas” brasileiros históricos, começando por Mario Pedrosa, continuando com Paul Singer e Michael Löwy, se apropriaram das idéias socialistas democráticas de Luxemburg para polemizar, pela esquerda, com o stalinismo. Tratava-se de opor ao autoritarismo dos países comunistas a idéia de democracia socialista, construída a partir de baixo, única maneira de impedir a burocracia. No entanto, a recepção brasileira sempre enfatizou em Luxemburg a indissolubilidade do vínculo entre democracia e revolução. Frigga Haug, ao criticar a atual unilateralidade da interpretação alemã de Luxemburg, aproxima-se, sem saber, da recepção brasileira. Mas o livro merece sobretudo nossa atenção por pôr em pauta antigas questões para as quais a esquerda mundial não deu até hoje respostas convincentes.

In. *Marx Agora* Nr. 28, Havana, 2010